

# DIOGO DO COUTO

# DÉCADA QUARTA DA ÁSIA

VOLUME I

*Edição crítica e anotada*  
*coordenada por M. Augusta Lima Cruz*

*Fixação do texto por Ana Dulce de Seabra,*  
*Cristina Maria Serafim, M. Augusta Lima Cruz,*  
*M. do Rosário Laureano Santos e Rui Loureiro.*  
*Revisão final de M. Augusta Lima Cruz*

COMISSÃO NACIONAL PARA AS COMEMORAÇÕES  
DOS DESCOBRIMENTOS PORTUGUESES

FUNDAÇÃO ORIENTE

IMPRENSA NACIONAL - CASA DA MOEDA

# DIOGO DO COUTO

# DÉCADA QUARTA DA ÁSIA

VOLUME II

*Edição crítica e anotada  
coordenada por M. Augusta Lima Cruz*

*Notas históricas e filológicas,  
glossário  
e índice de antropónimos e topónimos*

COMISSÃO NACIONAL PARA AS COMEMORAÇÕES  
DOS DESCOBRIMENTOS PORTUGUESES

FUNDAÇÃO ORIENTE

IMPRESA NACIONAL - CASA DA MOEDA

## ÍNDICE

PALAVRAS PRÉVIAS, de M. Augusta Lima Cruz .....	VII
INTRODUÇÃO À LEITURA DA <i>DÉCADA QUARTA</i> DE DIOGO DO COUTO, de A. Coimbra Martins .....	XIII
INTRODUÇÃO À EDIÇÃO DA <i>DÉCADA QUARTA</i> DE DIOGO DO COUTO, de M. Augusta Lima Cruz .....	CXIII
DECADA <i>Q</i> UARTA DA ASIA POR DIOGO DO COVTO .....	1
EPÍSTOLA DEDICATÓRIA .....	3
SONETOS .....	9
TABUADA .....	11
LIVRO I .....	25
LIVRO II .....	75
LIVRO III .....	129
LIVRO IV .....	179
LIVRO V .....	231
LIVRO VI .....	273
LIVRO VII .....	345
LIVRO VIII .....	415
LIVRO IX .....	479
LIVRO X .....	529

## ÍNDICE DO VOLUME II

NOTAS HISTÓRICAS E FILOLÓGICAS .....	9
NOTA PRÉVIA .....	11
INFORMAÇÃO SOBRE AUTORES E TÍTULOS DAS NOTAS .....	13
GLOSSÁRIO .....	157
ÍNDICE DE ANTROPÓNIMOS E TOPÓNIMOS .....	181
INFORMAÇÃO SOBRE A ORGANIZAÇÃO DO ÍNDICE .....	183

## Palavras prévias

*Com este volume da Década 4 se dá início à concretização de um projecto que tem como objectivo a edição crítica e comentada das Décadas da Ásia de Diogo do Couto.*

*Data do final do século XVIII a última e única iniciativa deste tipo levada a termo. Trata-se da edição da Régia Oficina Tipográfica que, numa colecção de 24 volumes, organizada por Nicolau Pagliarini, publicou, de 1778 a 1788, as Décadas da Ásia de João de Barros e de Diogo do Couto<sup>1</sup>. Depois disso, mais não temos do que iniciativas soltas e esporádicas: em 1936 saiu uma versão da Década 5 em edição diplomática de Marcus de Jong<sup>2</sup>; em 1947, uma antologia, com textos seleccionados das Décadas 5 e 6, organizada por António Baião<sup>3</sup>; em 1993-1994, uma*

---

<sup>1</sup> As Décadas de Diogo do Couto começam a ser publicadas no vol. 10.º (Lisboa, 1778) e terminam no vol. 23.º (Lisboa, 1788); o vol. 24.º é todo ele dedicado ao «Índice geral das Décadas de Couto». Em 1973-1974, a Livraria Sam Carlos fez uma tiragem fac-similada de 1100 exemplares desta edição da Régia Oficina Tipográfica.

<sup>2</sup> *Década Quinta da Ásia*. Texte inédit publié, d'après un manuscrit de la Bibliothèque de l'Université de Leyde, par Marcus de Jong, Coimbra, Publicações da Biblioteca Geral da Universidade, 1936.

<sup>3</sup> Diogo do Couto, *Décadas*. Selecção, prefácio e notas de António Baião, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1947 (dois volumes).

*versão da Década 8, em edição crítica e anotada de M. Augusta Lima Cruz*<sup>4</sup>.

A colecção da Régia Oficina Tipográfica publicou pela primeira vez a Década 10 e apresentou, em nosso entender, as melhores edições da versão resumida da Década 8, da versão resumida e truncada da Década 9 e dos cinco livros conhecidos da Década 12; conseguiu, inclusivamente, a proeza de colmatar o vazio narrativo do período cronológico abarcado pela Década 11 cujo texto se perdera. Para esse efeito, como se explica no «Prólogo» do pequeno volume a que se deu o título de Década undécima, foi elaborado um resumo feito a partir «não somente de alguns manuscritos, verídicos e autênticos, que me vieram à mão<sup>5</sup>, mas também das Memórias de Manuel de Faria e Sousa, de Fr. João dos Santos, de Luís Coelho de Barbuda, João Baptista Lavanha, autores que falaram daquele tempo; e até de outras obras mais do mesmo Couto»<sup>6</sup>.

A edição da Régia Oficina Tipográfica, produzida num século em que já havia preocupações de aprofundamento e purificação do sentido literário do texto, tem inegáveis virtualidades, talvez por isso ela foi (e continua a ser) instrumento fundamental de trabalho de muitas gerações de investigadores da expansão portuguesa na Ásia e de estudos orientais. No entanto, enferma das limitações inerentes à época em que foi preparada: nas primeiras quatro Décadas, o editor limitou-se a reproduzir, de acordo com o *usus scribendi* da época, as edições princeps das respectivas Décadas; nas restantes, recorreu a manuscritos — pensamos que teve o cuidado de se servir dos autógrafos e originais ainda ao tempo conservados na livraria do convento da Graça de Lisboa —, que transcreveu geralmente na sua forma revista e censurada. Naturalmente, das Décadas que hoje sabemos que Diogo de Couto escreveu em mais de uma versão,

---

<sup>4</sup> M. Augusta Lima Cruz, *Diogo do Couto e a Década 8.ª da Ásia*, Lisboa, C. N. C. D. P. / I. N. C. M., 1993-1994 (dois volumes). No volume I, publica-se a versão desta Década contida nos manuscritos conservados nas Bibliotecas Municipal do Porto e Nacional de Madrid; no volume II, as variantes entre esta versão e a versão resumida da mesma Década.

<sup>5</sup> Não sendo este «Prólogo» assinado, deduzimos que o seu autor é o editor, Nicolau Pagliarini.

<sup>6</sup> António Coimbra Martins, no seu artigo «Em busca da Década 11», *Em torno de Diogo do Couto*, Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, 1985, pp. 99-123, revela a existência, na Biblioteca de Viseu, de um manuscrito que contém este resumo, eivado de expressões que marcam a autoria do próprio Couto e que simplesmente foram eliminadas ou alteradas no impresso da Régia Oficina Tipográfica.

só deu a conhecer uma delas que, infelizmente, foi a que passou à tradição.

*Mas, como dizíamos no início destas breves palavras, a edição da Régia Oficina Tipográfica é um marco importante, na medida em que conseguiu, pela primeira vez, superar um impasse: o dos sucessivos projectos abortados de publicação de todas as Décadas de Couto.*

- *Pode afirmar-se que o primeiro destes projectos «correu por conta» do cunhado de Diogo do Couto, Frei Adeodato da Trindade, frade agostinho do convento da Graça de Lisboa. Para este convento enviava o cronista os seus manuscritos que o cunhado se encarregava de preparar para, depois da passagem pela censura, darem entrada nos prelos. Em princípio, o trabalho de Frei Adeodato deveria resumir-se a uma revisão dos textos, operando retoques de estilo e, naturalmente, alguns cortes, mas como se provará no decurso da presente edição, nem sempre se confinou a estas tarefas. Suspeitamos ainda que Frei Adeodato era também o responsável pela arrumação final das matérias de uma Década, ou seja, sua organização em livros e em capítulos.*

*Frei Adeodato preparou para publicação as Décadas que saíram ainda em vida de Couto, a saber: a Década 4, em 1602; as Décadas 5 e 6, em 1612; a Década 7, em 1616, precisamente o ano em que o cronista morreu. Como acontecera com os manuscritos, problemas e estranhos acidentes ocorreram também neste arranque do processo de impressão<sup>7</sup>: longas esperas, desde as datas de envio de Goa dos textos até às suas publicações, e, para agravar a situação, um incêndio ocorrido nas oficinas de Pedro Crasbeeck destruiu parte dos stocks das Décadas 5 e 6, o que explica que hoje tenhamos exemplares completos e exemplares defeituosos da Década 5 e, da Década 6, só exemplares defeituosos. Como se disse, foram as versões contidas nestas primeiras edições que passaram à tradição impressa. Só que, da Década 5, conhece-se hoje outra versão, a que foi publicada por*

---

<sup>7</sup> A este propósito Aubrey Bell afirmava, em 1935, que «une sorte de fatalité pèse sur son oeuvre trop vulnerable par un excès de franchise», e, em 1937, Rodrigues Lapa considerava que «o singular destino dos livros de Diogo do Couto é das coisas mais extraordinárias da literatura portuguesa».

*Marcus de Jong, cujo texto está provavelmente muito mais próximo do original de Couto do que o da edição princeps, e, da Década 7, sabe-se que existe também outra versão, em manuscrito parcialmente autógrafa conservado no Arquivo da Torre do Tombo, que permanece inédita.*

*Frei Adeodato ainda «preparou» para publicação os manuscritos da Década 10 e dos cinco livros da Década 12, os quais, no entanto, não chegaram, em seu tempo, a dar entrada nos prelos.*

- *Logo após a Restauração, Manuel Fernandes Vila Real, por incumbência do então embaixador de D. João IV em França, D. Vasco Luís da Gama, publicou em Paris, em 1645, os cinco livros conhecidos da Década 12. No prólogo da obra promete a impressão das Décadas 8, 9, 10 e 11 e a reimpressão das Décadas 4, 5, 6 e 7, mas não chegou a concretizar tal projecto.*

*Esta edição da Década 12 reproduz o texto alterado pelos revisores e censores e, além disso, suprime os passos considerados demasiadamente favoráveis aos Filipes de Espanha.*

- *Ainda no final do século xvii outro projecto se perfila. Os livreiros João da Costa e Diogo Soares propuseram-se, com o patrocínio do marquês da Fronteira, levar a cabo a edição das Décadas de Barros, Couto e Bocarro. Começaram pela Década 8 de Couto, na sua versão resumida, que foi assim pela primeira vez publicada, e não passaram daí. Desta Década 8, como já se notificou, foi recentemente tornado público o texto de uma versão diferente da transmitida pela tradição impressa.*
- *Nova tentativa quase um século depois — agora só para as Décadas de Couto — do editor Laté e Sagau, que acabaria por morrer sem ver pronto o primeiro volume do seu projecto, aquele que continha as Décadas 4 e 5. No entanto, ele viria a sair, em 1736, por cuidado de seu filho e da oficina de Domingos Gonçalves. E no mesmo ano mais dois volumes se publicaram: o segundo, com a Década 6, e o terceiro, com a Década 7, a versão resumida da Década 8 e a versão resumida e truncada da Década 9. Do quarto volume, que começava com a 10, imprimiram-se somente 120 páginas, que, entretanto, se perderam.*





*Em 1607, Diogo do Couto, numa das suas cartas a D. Francisco da Gama, que, por via de regra, são sempre um rosário de queixas, ameaçava: «e torno a afirmar a V. S. que se me não honrarem e fizerem mercê que hei-de fazer tudo em pó e deixar na sepultura o letreiro de Fabrício: Ingrata patria ossa mea non possidebis»<sup>8</sup>. Não cumpriu a ameaça — aliás penso sinceramente que nunca teve tal intenção —, não reduziu a pó os seus escritos, mas alguns deles foram de tal modo adulterados por revisores, censores e pelos inevitáveis processos de transmissão manuscrita e impressa que hoje difícil se torna «desenterrá-los», como é nosso objectivo no presente projecto de edição das Décadas de Couto.*

*Este projecto, como os outros, também tem a sua história. Pode considerar-se que as suas raízes remontam aos anos de 1970-1971, em que António Coimbra Martins, sendo «encarregado de conferências» nos seminários de I. S. Révah na École Pratique des Hautes Études da Sorbonne — IV Section (Sciences Philologiques et Historiques), constituiu uma equipa de investigadores para proceder à edição da obra completa de Diogo do Couto. Arrancou-se com entusiasmo, mas com o tempo e provavelmente por falta de apoios materiais e financeiros, a equipa acabou por se dispersar. O trabalho que então me comprometi a realizar — a edição de uma versão inédita da Década 8 — acabei por concluí-lo, anos mais tarde, como tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Este trabalho foi o fio condutor que, sem ter pretensões de o ser, funcionou como reactivador, desde que Vasco Graça Moura, então responsável pelo plano editorial da Imprensa Nacional-Casa da Moeda, se prontificou a publicá-lo e não mais se cansou de me «picar» no sentido de continuar e avançar para a edição de todas as Décadas de Couto. Mas, não tivessem surgido os patrocínios da Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, da Fundação Oriente e, posteriormente, da Secretaria de Estado da Cultura não passaria de mais um projecto adiado. Graças a estes apoios e à boa vontade de todos aqueles que nele aceitaram colaborar foi possível meter mãos à obra.*

---

<sup>8</sup> Carta publicada por A. Baião, *ob. cit.*, p. LXXII; a actualização ortográfica é da nossa responsabilidade.

*Nos dois volumes que ora se apresentam procurámos não só «desenterrar» o texto da Década 4, como também, através das «Introduções», das «Notas históricas e filológicas», do «Glossário» e de «Índice», propiciar ao leitor instrumentos de trabalho, de pesquisa e de exploração do texto, quer ao nível dos seus aspectos formais quer no respeitante aos seus conteúdos. Este será o modelo de apresentação de todas as Décadas da Ásia de Diogo do Couto, cuja edição está a ser preparada por uma equipa de investigadores. Esperamos que este trabalho, uma vez concluído, seja a base a partir da qual se possam elaborar edições de divulgação fidedignas que dêem a conhecer a obra historiográfica de Diogo do Couto junto de um público mais lato.*

M. AUGUSTA LIMA CRUZ